

AMÉRICA LATINA

A RELAÇÃO LÍDER/MASSAS NOS GOVERNOS VARGAS E PERÓN

*Cláudia Schemes**

Resumo

O texto trata dos regimes populistas de Getúlio Vargas, no Brasil (1937/1945) e Juan Domingo Perón, na Argentina (1946/1955). A relação entre esses líderes e a massa são tratados de uma maneira que procura desmistificar a idéia de que o povo aderiu a esses regimes deixando-se levar pelas primeiras promessas de líderes demagógicos. Serão analisados principalmente os aspectos psicológicos dessa relação.

Palavras-chave: populismo; Perón; Vargas.

Para compreendermos os regimes populistas de Getúlio Vargas, no Brasil (1937/1945) e Juan Domingo Perón, na Argentina (1946/1955), bem como a grande adesão popular a eles, devemos analisar a forte relação estabelecida entre esses líderes e a massa. Não se trata de pensar que elas se deixaram levar pelas primeiras promessas de líderes demagógicos e interessados apenas na ascensão política; é fato que a massa teve uma ativa participação na formação e sustentação desses regimes, mas as razões dessa participação em resposta ao apelo dos líderes são mais complexas. A identificação de Vargas, e também de Perón, com a imagem do líder espiritual, condutor das massas e salvador da Pátria é uma constante nos escritos da época.

* Mestre em História Social pela USP.

Vargas era apresentado como o salvador nacional, a única autoridade capaz de harmonizar as opiniões e os pontos de vista; ele era o “líder espiritual” responsável pela superação do caos que havia se instalado na sociedade.

(...) apoiado no patriotismo e na fidelidade das forças armadas, o Presidente Getúlio Vargas *salvou* o Brasil do abismo que o esperava. (*Cultura Política*, 1942, p. 205); confiemos em nossos chefes, que eles nos *conduzirão*, certamente, aos braços da vitória, nas auras embalsamadas do triunfo. (*Cultura Política*, 1941, p. 78); (...) Tenha-se sempre presente que ao aniversariante de 19 de abril coube a missão de *salvar* a Pátria em horas de extremo perigo. (*OESP*, 13.04.43)

Vargas era representado como o “grande guia do Brasil” (*OESP*, 25.04.1943), o “homem providencial, o homem que Deus mandou.” (*OESP*, 10.11.42)

A revista *Cultura Política*, em 1941, afirmava que, no contato com as massas, nas ruas e nos lugares públicos, o presidente Getúlio Vargas encontrava o estímulo para enfrentar as dificuldades e manter a sua linha de conduta. Era no exercício de suas funções de governante que se tornava amigo dos trabalhadores para melhor compreender-lhes as necessidades e melhor realizar as suas aspirações.

Era o líder Getúlio Vargas que a massa deveria seguir, ou melhor, todos os brasileiros que fossem verdadeiramente patriotas.

A idéia de um líder salvador, predestinado a intervir na história é analisada por Alcir Lenharo. Segundo o autor, os ideólogos do Estado Novo utilizaram-se da imagem alegórica do corpo para representar a nação/Estado, ou seja, ela funcionaria da mesma forma como o corpo funciona dentro de uma totalidade orgânica indivisível e harmoniosa. O território nacional era apresentado como um corpo que cresce, expande, amadurece, sendo as classes sociais os órgãos necessários ao funcionamento harmônico do corpo. O governante, descrito como cabeça do organismo, deveria conduzir o corpo – a sociedade. (Lenharo, 1989, p. 194)

Vargas, nesse imaginário, era projetado a um plano de divinização, representando a figura do Pai (o protetor), do Filho (o líder

que veio mudar a história) e do Espírito Santo (a quem cabia iluminar o povo no caminho de uma nova ordem).

Ainda segundo Lenharo (p. 194), nessa representação

fica posto em relevo o dom que o líder possui de intuir e extrair do inconsciente o desejo socialmente contido e realizá-lo. Esta representação física do 'todo', essa incorporação da brasilidade do brasileiro médio e dos traços nacionais levados às raias do absurdo tece uma senda incrivelmente mistificadora das relações sociais, de sua dinâmica e das possibilidades de seu controle.

A relação de Vargas com as crianças também exemplifica essa relação paternal e de gratidão que se dava entre líder e a massa.

É um espetáculo emocionante ver com que familiaridade os meninos se dirigem ao Chefe de Governo. Em qualquer lugar em que esteja, em manifestações populares, em festas cívicas, em inaugurações, nos seus passeios, nas suas visitas de inspeção a obras públicas, sempre há crianças que encontram meios e modos de se aproximar de Sua Excelência. E, invariavelmente, recebem a recompensa de um sorriso, de um carinho, de uma palavra amiga. (OESP, 22.02.45)

Segundo Ângela de Castro Gomes (1982, p. 141),

a relação direta líder/massa tem a dupla feição da representação de interesses e da representação simbólica, e Vargas transforma-se no terminal adequado para exprimir a vontade popular (...) O interesse da coletividade nacional, ou do povo organizado em corporações, é captado pela capacidade superior da liderança política.

Vargas representa a materialização do projeto do Estado Novo, é um modelo exemplar, um mito, que "se superpõe ao próprio projeto, transfigurando-se em expressão do Estado e da nação." (Ibidem: 146)

A relação de Perón com a massa era muito parecida com o que foi colocado até aqui sobre Vargas. Para esse líder, os homens são conduzidos melhor quando querem e estão preparados para serem conduzidos.

Perón considerava a massa carente de racionalidade e de objetivos próprios; ela possuía uma aptidão natural para ser dirigida.

Segundo Gilon G.Reynoso, a adesão que o poder solicita tem seu fundamento na própria estrutura do sujeito e nas características do desejo humano; o poder depende do suporte que lhe dá a aceitação da população. O homem está exposto, por sua própria constituição, a cair na armadilha que o poder absoluto arma.

Perón oferecia-se à massa como objeto de satisfação imaginária das pulsões individuais insatisfeitas. Para Leon Rozitchner, o líder se oferecia ao poderoso corpo da classe operária em busca de seu próprio poder” e “suas forças serão assim reduzidas, no consolo simbólico, a uma função quantitativa, mera força que só ele disporá (...)” (Rozitchner, 1985, p. 225)

O objetivo político de Perón com relação às massas era o de despojá-las de racionalidade para dar a si mesmo a capacidade de orientá-las. Segundo Perón, o condutor não era um técnico, era muito mais um artista, pois conduzir era uma arte e para ser um condutor não era suficiente apenas compreender a massa, nem a reflexão nem o raciocínio permitiam conduzi-las, mas sim, a intuição.

A idéia de líder condutor era lembrada constantemente nos jornais argentinos. Perón era o “líder que *conduzia* seu povo” (*La Época*, 02.05.47), “o *condutor* que era aclamado fervorosamente” (*La Razón*, 18.10.54), “o líder *condutor* da festa do trabalho” (*La Razón*, 02.05.55).

Os ideólogos do peronismo acreditavam que somente esse projeto dava conta da realidade argentina. Perón deveria ser o símbolo da união dos argentinos, pois ele se identificava individualmente com a Pátria, era o seu representante insubstituível.

A onipotência do líder também era uma característica marcante na ideologia peronista.

A revista *Ahora* trazia em sua capa diversas fotos de Perón em vários ângulos e com distintas feições intituladas “energia, otimismo, emoção, alegria, bondade, serenidade, compreensão”, ou seja, o líder multifacetado poderia representar, não só diferentes emoções, como diferentes personalidades. Perón poderia ser o líder, tanto do operário mais humilde, quanto do mais rico industrial. Ele era o “todo-poderoso”, capaz de solucionar os problemas de toda a sociedade.

A idéia de um líder onipotente, onipresente e superior aos demais que é deixada clara tanto no governo Perón quanto no governo Vargas, tem sua inspiração na Alemanha hitlerista e na Itália fascista. Hitler e Mussolini, em sua relação com as massas, apresentavam muitas das características levantadas até esse momento.

Hitler e Mussolini também se apresentavam como os grandes guias condutores da Alemanha e da Itália. Segundo Alcir Lenharo,

o significado mais amplo da teatologia política aponta o Führer como forjador da vontade coletiva, apropriador de vontades, a quem se obedece cegamente. (Lenharo, 1986, p. 45)

Hitler era considerado o Redentor, o representante da vontade de Deus na Terra, o inatingível. Sua chegada de avião nas festividades se associava à imagem de “Deus descendo sobre a Terra.” (p. 45) Na Itália fascista, Mussolini, o Duce, exigia amor, fidelidade e obediência, pois, segundo ele, foi Deus quem o destinou a dirigir o povo italiano.

Hannah Arendt analisa o significado das massas nos movimentos totalitários. Para a autora, esses movimentos recrutaram seus membros dentre uma “massa de pessoas aparentemente indiferentes, que todos os outros partidos haviam abandonado por lhes parecerem demasiado apáticas ou estúpidas para lhes merecerem a atenção.” (Arendt, 1978, p. 399)

Afirma, também, que a formação da psicologia do homem de massa ocorre com o colapso da sociedade de classes, fenômeno observado após a Primeira Guerra Mundial. Segundo a autora, nos movimentos totalitários os indivíduos atomizados e isolados são de uma lealdade total, irrestrita, incondicional e inalterada ao líder, pois estão isolados, desagregados na sociedade.

A busca de um “salvador” é comum em diversos momentos históricos. É em torno de sua imagem que se concentram as esperanças e os sonhos de uma coletividade. Raoul Girardet classifica os “salvadores” em 4 tipos (Girardet, 1987, p. 73-96). O primeiro deles seria o do homem experiente, prudente, moderado; outro, seria aquele que se apodera das multidões e a subjuga, sendo que a legitimidade de seu poder não provém do passado, mas da ação imediata; o “homem

providencial” seria o terceiro modelo, é ele que lança as bases de uma “ordem nova” e o último seria o salvador profético, o anunciador dos tempos por vir, o que guia seu povo pelos caminhos do futuro. O Chefe profético seria a encarnação da vontade geral, não mais seu simples representante; é ele que encarna seu destino histórico em seu passado, presente e futuro.

Aquele que segue esse tipo de líder renuncia à identidade individual, mas reencontra a integralidade da identidade coletiva.

Vargas e Perón seriam um exemplo desse tipo de líder encarnando a realidade e suas leis.

O que há em comum em todos esses modelos é o sentido de ruptura do presente com o passado.

A imagem e o surgimento do salvador, do líder estão relacionados às necessidades de uma sociedade em determinado momento histórico. O mito tende, assim, a definir-se em relação à função maior que se acha episodicamente atribuída ao herói, como uma resposta a uma certa forma de expectativa, a um certo tipo de exigência.

O recurso ao salvador ocorre, geralmente, nos momentos de crise da legitimidade política; o vácuo afetivo e moral que acompanha essa crise é que explica o apelo a um novo mestre, um novo guia, um protetor. Esse salvador poderia ser de dois tipos: o substituto da autoridade paterna ou o líder prestigiado e subjugante.

Hitler seria o exemplo do substituto do poder paterno e do chefe dominador, seu surgimento na vida política estaria relacionado a um estado de “solidão interior”, a uma “angústia do abandono” e ele seria o instrumento de comunhão, de mediação e de solidificação social.

Reconhecer a autoridade do “líder salvador”, redescobrir-se nela é, ao mesmo tempo, reencontrar a si mesmo e reencontrar os outros.

Para o movimento de massas vingar, Perón considerava fundamental a sua “organização” e “enquadramento”, caso contrário, esta poderia seguir sozinha e produzir grandes “cataclismas políticos”. A massa deveria ser preparada, educada.

Raul Damonte Taborda fala desse “enquadramento” da massa, dizendo que os meninos e adolescentes argentinos eram preparados para obedecer. Nos livros didáticos, cantos, fábulas, hinos e redações escolares, o casal líder aparece mitificado. As figuras eram exaltadas no

rádio, nos jornais, pelos professores, pelos mais diversos tipos de revista e a imagem divulgada em cartazes por todos os cantos do país.

No Brasil de Vargas, também vemos esse tipo de propaganda do líder; as cartilhas escolares exaltavam Vargas como o herói nacional.

A propaganda peronista e varguista produziu um culto a seus líderes, e as festas organizadas pelos regimes faziam parte desse culto. Os nomes de Perón e Vargas eram usados para denominar as mais distintas obras públicas com o intuito de transformá-los em símbolos nacionais.

O autor Peter Waldmann, referindo-se ao peronismo, considera muito difícil fazer juízo acerca do êxito destes esforços; determinar se Perón logrou ou não elevar-se à categoria de símbolo nacional e ser aceito como tal por todos é problemático, porque em que pese a sua prodigalidade, a propaganda peronista não teve a força e o poder de convicção necessários para lograr uma ação em profundidade. Conformou-se em dominar o cenário do país e não se ocupou demasiado em modelar as opiniões e orientações da população. (Waldmann, 1981, p. 123)

Para o autor, o culto à personalidade teve efeito somente nos estratos mais baixos da população, que se deixavam influenciar por uma propaganda pouco sutil; já as classes média e alta viam essa situação com desgosto e não caíam na armadilha da adoração.

Se o culto ao líder não era compartilhado por todos, isso não significava que essa parcela da população não “dirigível” tenha se mantido fora da política peronista ou que tenha oferecido resistência ao regime. Esta situação, de certa forma, representava um risco potencial para o regime, já que este nunca saberia até que ponto contava com o apoio das “massas”.

Outro problema com relação ao culto ao líder diz respeito às forças sobrenaturais que a ele se atribuíram no momento de crise da sociedade.

Perón e Vargas assumiram a imagem do todo-poderoso, capazes de resolver todos os problemas, graças à euforia econômica do momento que lhes permitiu atender às reivindicações de amplos setores da sociedade.

Se essa situação, por um lado, era benéfica para o regime, por outro, era extremamente perigosa, pois, no momento em que os líderes

não conseguissem mais satisfazer grande parte das reivindicações das massas, o apoio poderia enfraquecer.

Nesse sentido, Rozitchner diferencia a política da esquerda com a política peronista, mostrando que a proposta da esquerda passa pelo aprendizado da massa, que é penoso e difícil, mas vai além da mera satisfação momentânea de seus problemas; já o peronismo buscava satisfazer as massas momentaneamente, para ter o seu apoio imediato.

Rozitchner tenta analisar a adesão das massas ao peronismo levando em consideração o seu inconsciente. Para o autor, a relação que a classe operária mantém com seu líder vai mais além de uma simples relação com seu “representante”; trata-se de uma identificação, mas “não qualquer identificação: o sujeito-operário não se identificava com o operário-Perón. A relação com o líder não era de semelhança, mas de diferença (...)” (Rozitchner, 1981, p. 187-8)

Essa análise de Rozitchner é válida também para o caso brasileiro, pois os estudos que levam em consideração os aspectos psicológicos das massas transcendem as fronteiras geográficas.

Se a relação inconsciente das massas com o líder não era de semelhança, o mesmo não se pode dizer a respeito da identificação construída pela propaganda oficial: Perón, como Vargas, era constantemente comparado com a massa, principalmente com os operários. Eles eram considerados os trabalhadores “número 1”, tanto da Argentina, quanto do Brasil e procuravam mostrar-se sempre como um semelhante. Mas o simples fato de se apresentarem como os trabalhadores número 1 já os diferenciava dos demais.

Wilhelm Reich analisa esta questão da relação líder/massa dizendo que somente a psicologia e o misticismo como componente psicológico conseguem explicar a adesão das massas a um líder num regime autoritário.

Reich (1988, p. 30) explica esta situação a partir do inconsciente: “(...) a inibição sexual altera de tal modo a estrutura do homem economicamente oprimido, que ele passa a agir, sentir e pensar contra os seus próprios interesses materiais.” A repressão da sexualidade provoca uma atitude de humildade e resignação também no campo econômico.

As massas se deixam iludir politicamente, pois “a revolta contra a autoridade, acompanhada de respeito e submissão, é uma característica

básica das estruturas da classe média, desde a puberdade até a idade adulta, característica esta que se revela especialmente em indivíduos originários de camadas economicamente precárias.” (p. 36)

Para o autor, a estrutura familiar autoritária é a grande responsável pelas atitudes passivas da massa frente ao líder, pois quanto mais desamparado o indivíduo de massa se tornou em consequência de sua educação, mais acentuada é sua identificação com o líder.

Segundo Reich, o comportamento apolítico do trabalhador não significa um estado psíquico de passividade, mas sim um comportamento extremamente ativo, uma defesa contra a consciência das responsabilidades sociais.

Freud também analisava as atitudes das massas. Tomou como ponto de partida os estudos de Gustave Le Bon, que afirmavam que os indivíduos que se transformavam num grupo ficavam submetidos a uma espécie de mente coletiva que os fazia sentir, pensar e agir de maneira muito diferente daquela pela qual cada membro, tomado individualmente, sentiria, pensaria e agiria, caso se encontrasse em estado de isolamento.

As características principais do indivíduo que faz parte de um grupo seriam o desaparecimento da personalidade consciente e o domínio do inconsciente, a modificação, por meio da sugestão e do contágio de sentimentos e idéias numa mesma direção e a tendência a transformar imediatamente as idéias sugeridas em atos.

Segundo o autor, os grupos nunca ansiaram pela verdade, eles exigiam a ilusão e o irreal e, por serem um rebanho obediente, não poderiam viver sem um líder. (Freud, 1969)

Muitas vezes, não se consegue explicar, por razões objetivas, a adesão das massas a um líder e a um regime que em muitos aspectos lhes são prejudiciais. Nesse sentido, a análise da psicologia coletiva ajuda-nos a compreender os motivos que fizeram com que as massas, tanto no Brasil, quanto na Argentina, aderissem de maneira tão profunda à ideologia dos regimes e a seus líderes. Com auxílio da psicologia coletiva, de massas, é possível perceber quão complexa é a relação líder/massas. Razões de ordem psicológica e não apenas sócio-econômicas ou ideológicas ajudam a explicar a adesão das massas ao varguismo e ao peronismo.

Abstract

The present paper is a comparative study on civic and popular festivities in Brazil during the Getúlio Vargas' government (1937-1945) and in Argentina during the Age of Perón (1946-1955). It deals with the psychological aspects of the relationship between those leaders and the masses.

Key-words: Brazil; Argentina; "Populismo"; masses.

Referências bibliográficas

- ARENDDT, Hannah. *O Sistema Totalitário*. Lisboa: Dom Quixote, 1978.
- FREUD, Sigmund. "Psicologia de Grupo e a Análise do Ego". In: *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. Vol. XVIII.
- GIRARDET, Raoul. *Mitos e Mitologias Políticas*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.
- GOMES, Angela de Castro. *A Invenção do Trabalhismo*. Rio de Janeiro: Vértice/IUPERJ, 1988.
- Jornal *O Estado de S. Paulo*. São Paulo: 1937-45.
- _____. *La Epoca*. Buenos Aires: 1946-55.
- _____. *La Razon*. Buenos Aires: 1946-55.
- LENHARO, Alcir. *Nazismo: O Triunfo da Vontade*. São Paulo: Ática, 1986.
- _____. *A Sacralização da Política*. Campinas: Papyrus/Unicamp, 1986.
- REICH, Wilhelm. *Psicologia de Massas do Fascismo*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- Revista *Cultura Política*. Rio de Janeiro: DIP, 1941-45.
- _____. *A Hora*. Buenos Aires: 1946-55.
- REYNOSO, Gilon Garcia. "Matar a morte". In: BERLINCK, Manoel Tosta & RODRIGUEZ, Sérgio Aldo (orgs.). *Psicanálise dos Sintomas Sociais*. São Paulo: Escuta, 1988.
- ROZITCHNER, Leon. *Perón: entre la sangre y el tiempo. Lo inconsciente y la política*. Buenos Aires: Centro Editor de America Latina, 1985.
- TABORDA, Raul Damonte. *O Caso Perón*. Rio de Janeiro/Porto Alegre/São Paulo: Globo, 1954.
- WALDMANN, Peter. *El Peronismo - 1943-1955*. Buenos Aires: Sudamericana, 1981.